

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
ESPECIALIZAÇÃO EM TEOLOGIA BÍBLICA

LIANE BORGES BONFIM
LYGIA PORTENHA BORGES FERREIRA
MIRIAN JORGE SQUEFF DE SOUZA

TRÊS MOMENTOS DE MARIA NA HISTÓRIA DA SALVAÇÃO:
ANUNCIADA, REVELADA E VENERADA

ANÁPOLIS - GO
2018

LIANE BORGES BONFIM
LYGIA PORTENHA BORGES FERREIRA
MIRIAN JORGE SQUEFF DE SOUZA

TRÊS MOMENTOS DE MARIA NA HISTÓRIA DA SALVAÇÃO:
ANUNCIADA, REVELADA E VENERADA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para aprovação no curso de Especialização em Teologia Bíblica, sob a orientação do Prof^o. Flávio Pereira Noletto.

ANÁPOLIS - GO
2018

FOLHA DE APROVAÇÃO

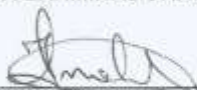
LIANE BORGES BONFIM
LYGIA PORTENHA BORGES FERREIRA
MIRIAN JORGE SQUEFF DE SOUZA

TRÊS MOMENTOS DE MARIA NA HISTÓRIA DA SALVAÇÃO:
ANUNCIADA, REVELADA E VENERADA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para aprovação no curso de Especialização em Teologia Bíblica, sob a orientação da Prof.^ª Flávio Pereira Noleto, com
Nota Avaliativa 9,0

Data da aprovação: 12/12/2018

BANCA EXAMINADORA



Frei Flávio Pereira Noleto



Pe. França Costa

RESUMO

Esse trabalho tem o propósito de apontar como no plano salvífico de Deus Ele manifesta seu amor paterno ao povo eleito, anunciando a mulher que irá gerar o Salvador. Na plenitude dos tempos o amor é revelado por meio de Maria, uma jovem agraciada para que, por meio dela, o Filho de Deus pudesse assumir a humanidade decaída com o pecado. Por meio de uma mulher – Eva – o pecado entra no mundo, nesse momento é anunciada a Salvação que chegará por uma mulher – Maria, a mulher do “sim” dado ao amor. Em face disso, Maria tem grande importância no plano salvífico e sua figura é venerada na Igreja Católica. Examina-se também aqui a prefiguração de Maria desde os primórdios da história da salvação, fundamentada nos textos sagrados, em encíclicas e em uma bibliografia específica dedicada ao tema.

ABSTRACT

The aim of this work is to show God's saving plan. He shows his parental love towards his chosen people, announcing to the woman who would give birth to the messiah. In the fullness of time, love is revealed through Mary, a young woman through which, the Son of God could take on mankind fallen in sin. Through a woman - Eve - sin enters the world and in that moment it is announced that the Salvation will come through another woman - Mary, the woman of the "yes" given to love. On the face of it, Mary has great importance in the salvific plan and her figure is venerated in the Catholic Church. In this work, it is also examined the prefiguration of Mary since earliest times of salvation, fundamented on sacred texts, encyclicals, and specific bibliography dedicated to this topic.

SUMÁRIO

| | | |
|---|----------------------|----|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 07 |
| 2 | MARIA ANUNCIADA..... | 12 |
| 3 | MARIA REVELADA..... | 26 |
| 4 | MARIA VENERADA..... | 37 |
| 5 | CONCLUSÃO..... | 45 |
| | REFERÊNCIAS..... | 49 |

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se dedicou a perscrutar textos bíblicos, bem como documentos diversos da igreja, com o propósito de examinar passagens que fundamentam a perspectiva aqui assumida de que Maria, antes mesmo de ser referenciada diretamente no Novo Testamento, foi anunciada, ainda no Antigo Testamento, tendo sido então revelada e, posteriormente, venerada pelo cristianismo. Esse exame foi inspirado nos estudos de Teologia Bíblica, no curso que ora em conclusão, e foi se fundamentando a partir da tipologia bíblica estudada na disciplina Patrística, bem como nos estudos de História da salvação. Ao nos aprofundarmos nas profecias messiânicas, percebeu-se que ainda no Antigo Testamento está latente o mistério da salvação e a concepção que permeia esse trabalho é de que o Antigo Testamento anuncia e conduz a Cristo, como é sobejamente reconhecido pela Igreja. Entretanto, o objetivo da presente reflexão é reiterar o anúncio de Maria, antes mesmo de ela se presentificar na trajetória salvífica.

Sob essa concepção e a partir do problema levantado de que Maria está pouco presente nos escritos bíblicos, com apenas algumas alusões à mãe de Jesus e somente nos Evangelhos, busca-se através deste estudo assinalar algumas referências bíblicas sobre o anúncio de Maria no Antigo Testamento.

O propósito é reiterar sua presença marcante no Novo Testamento, ressaltando o protagonismo que Maria exerce com sua presença e intercessão na Igreja. Para a finalidade aqui proposta, torna-se fulcral ressaltar as citações diretas que se referem a ela no Novo Testamento como Mãe de Deus, bem como apresentar algumas figuras, imagens e profecias presentes no Antigo Testamento, culminando com os dogmas que a Igreja instituiu para a veneração da Mãe de Jesus. O cunho bíblico destacado no trabalho é referencial para compreender o culto que a ela se presta na Igreja Católica.

A hipótese basilar do exame que aqui se procede e que se exprime no problema que suscitou essa pesquisa, parte do pressuposto de que a centralidade da figura de Maria, assinalada em várias passagens do Novo Testamento, pode ser reportada desde o início da história bíblica já no Antigo

Testamento quando se anuncia a chegada do Messias. A mãe é a precursora, é a que, com sua anuência, possibilita o mistério da palavra de Deus encarnada. Um sim obediente, perpassado pela fé, consolidada na leitura dos textos sagrados, fez de Maria a ungida por Deus e a possibilitadora do tempo salvífico, prefigurada nos textos sagrados que precedem a chegada do Messias.

No Antigo Testamento é possível perscrutar prefigurações de Maria, que são destacadas pelo Magistério da Igreja. Em virtude de Maria ser o modelo de união com Cristo, a ser seguido pelos católicos, como discípula e membro singular de sua Igreja, esta instituição desde o início venera Maria, posicionando-a ao lado de Jesus na ação salvífica. A proclamação: Tudo com Jesus, nada sem Maria, corrobora esse cânon.

A relevância de pesquisar o tema avulta no propósito de enfatizar e reverenciar o lugar de Maria no culto católico. Trata-se de compreender a dimensão transformadora da figura de Nossa Senhora na vivência da Igreja; embora não seja ela o centro do culto, recebe atenção especial, particularmente na devoção dos fiéis. Nesse passo, aprofundar o exame das Sagradas Escrituras, não apenas no que concerne ao Novo, mas também ao Antigo Testamento, analisando as prefigurações de Maria, torna-se fulcral para enfatizar a relevância e os primórdios da sua presença na história da salvação.

As fontes utilizadas na elaboração desse trabalho são referências bibliográficas que examinam essa questão específica e que também se fundamentam nas leituras bíblicas, em perspectivas renovadas e renovadoras. Também verticalizamos a pesquisa com o aprofundamento em passagens de documentos da Igreja, particularmente as encíclicas papais. Os referenciais utilizados nesse trabalho endossam nosso argumento precípua, sobretudo o Documento *Lumen Gentium*, no seu capítulo VIII, que apresenta Maria como elemento de união entre o anúncio do Messias no Antigo Testamento, a Encarnação do Verbo na anunciação, até o nascimento da Igreja no episódio do cenáculo em Jerusalém.

O levantamento das fontes bibliográfica e documental contempla os caminhos que se apresentam viáveis para a pesquisa do tema proposto, mapeando de forma dinâmica e contínua a presença de Maria na Ação Salvífica,

sem os recortes estabelecidos pela mariologia, que apresenta as facetas de sua figura, ora destacando o aspecto tipológico, ora apontando a piedade mariana ou evidenciando os dogmas marianos e assim por diante. A partir desses referenciais, os pressupostos metodológicos desse esforço de compreensão se fundamentaram em uma revisão bibliográfica sobre o tema, utilizando ainda documentos da Igreja e também as Sagradas Escrituras, com o propósito de fundamentar nossos objetivos e hipóteses.

Para tornar mais profícua a apresentação do conteúdo sobre o qual aqui discorreremos, utilizamos uma estrutura fundamentada em três capítulos. No primeiro capítulo buscou-se demonstrar que a partir dos conhecimentos adquiridos ou reiterados e, em andamento prospectivo, considerou-se que as citações sobre Maria não estão presentes apenas nas alusões diretas a ela, mas também nos momentos e acontecimentos relacionados à vida de seu filho Jesus. Constatou-se ainda que, embora a pessoa de Maria tenha efetivamente surgido no período relatado no Novo Testamento, o Antigo Testamento também apresenta profecias, figuras e imagens anunciando e iluminando a vindoura Mãe do Messias.

Essa consideração não é aleatória e sem fundamento, pois observou-se também que os Padres da Igreja reconhecem a figura de Maria presente nesses textos precursores, desde o Gênesis até os Profetas. Além dos anúncios, tornou-se perceptível que a Igreja Católica reconhece prefigurações a respeito da Mãe do Salvador em vários livros históricos e sapienciais.

Sob essa concepção, o segundo capítulo enfatiza que assim como o Antigo Testamento anuncia e prefigura a mulher que viria a gerar o Messias, o Novo Testamento revela de fato Maria, a mãe do Salvador da humanidade, como a Virgem cheia de graça, escolhida por Deus para gerar seu Filho. Ela está presente nos escritos do Novo Testamento, acompanhando seu Filho até a hora derradeira de sua morte e se faz presente na Igreja nascente, sendo apresentada no Apocalipse como aquela que esmaga a cabeça da serpente. É essa mulher que ocupa lugar de destaque na Igreja Católica como Mãe do Filho de Deus, nosso Salvador.

Por sua vez, o Concílio Ecumênico Vaticano II tornou-se eco do recorrente ensino da Igreja, ao afirmar na introdução do cap. VII da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* que, efetivamente, a Virgem Maria, por ter na Anunciação do Anjo recebido o Verbo de Deus no seu coração e no seu corpo, deu a vida ao mundo e é reconhecida e venerada como verdadeira Mãe de Deus. Conforme essa perspectiva, Deus embelezou-a com dons dignos de uma tão grande missão, visto que o Espírito Santo a formou e Maria, com sua anuência, tornou-se Mãe de Jesus, sem pecado. Concebeu e acolheu de todo coração o desígnio de Deus na plena obediência, declarando-se escrava do Senhor, para concretizar a obra de encarnação do seu Filho.

Maria é sem dúvida uma personagem bíblica fundamental no projeto que Deus manifesta à humanidade, embora tenha no texto sagrado um lugar discreto, pois aí está representada em função de Cristo e não por si mesma. Ela aparece no início como promessa de restauração da figura de Eva. Ela é parte culminante quando ocorre o nascimento do Messias prometido e se faz presente na caminhada da Igreja, que formula os dogmas marianos, com fundamentação bíblica, a fim de venerar a Mãe do Salvador.

Finalmente, o terceiro capítulo tem como objetivo mostrar que a devoção à Maria na Igreja Católica continua em sua plenitude, sendo cada vez mais reforçada. A sua presença marca profundamente a história dessa Igreja que a venera como intercessora e mediadora de graças e bênçãos. A veneração a Maria se faz presente na Igreja em todo o mundo, através da liturgia, festas a ela dedicadas, procissões, promessas e novenas à padroeira de inumeráveis templos e em várias épocas do ano e nos mais distintos países.

Nessa trajetória, o magistério da Igreja empenha plenamente a autoridade que recebeu de Cristo, quando define os dogmas utilizando uma forma que direciona o povo cristão a uma adesão irrevogável de fé, propondo verdades contidas na Revelação divina ou verdades que com estas tem uma conexão necessária.

Importa esclarecer que não é intenção dessa breve análise estabelecer paradigmas a respeito de Maria na ação salvífica e na história da

Igreja. É fundamental aqui entender a sua presença no culto católico, mediante a releitura de textos bíblicos que a ela se referem direta ou indiretamente.

2 MARIA ANUNCIADA

Para os cristãos, em geral, e para os católicos, em particular, a presença de Maria no plano salvífico é reconhecida e venerada. Com seu sim, ela possibilitou que o verbo se tornasse carne e habitasse entre nós. No Novo Testamento os cristãos acompanham as etapas desse plano, com ênfase na caminhada de Jesus, mas reiterando a presença da mãe em momentos fulcrais.

Em virtude disso, a devoção a Nossa senhora está presente na trajetória da Igreja Católica nas suas diversas manifestações. Entretanto sua relevância na obra salvífica de seu Filho ainda é secundária. Esse é o contexto que se apresenta quando o devoto participa de rituais litúrgicos sem saber porque, pois, no campo religioso a fé pode ser perpassada por elementos sincréticos e supersticiosos que obliteram a essência do rito. Assim, pode estar acontecendo com a devoção à Maria pois frequentemente pede-se a ela que abençoe, interceda, cure as doenças, passe na frente das decisões e, diversas outras invocações. Apesar do nível científico e tecnológico da sociedade atual, o pensamento religioso ainda é mesclado por práticas e rituais que dispensam a imersão na essência.

É questionável que muitos conhecem a Bíblia, alguns a leram, ao menos parcialmente, contudo, quem, fora os estudiosos, se interessa em estudá-la com rigor e método? No curso de Teologia Bíblica, por exemplo, se compreende melhor o significado da tipologia bíblica, ao aprofundar a compreensão de que pessoas ou fatos podem ser reconhecidos em diversas passagens das Escrituras que não se referem diretamente ou especificamente a eles, possibilitando tecer uma analogia entre fatos e personagens do Antigo Testamento com correspondentes no Novo Testamento. Em face dessa concepção é possível assinalar que existem muitos tipos que correspondem a figura de Maria, além de outras evidências bíblicas como profecias e personagens que fundamentam os ensinamentos católicos sobre Maria.

Nessa perspectiva, desde Santo Agostinho, citado aqui de memória, ao afirmar estar o Novo Testamento contido no Antigo e este, por sua vez, é revelado no Novo essa tipologia é fortalecida. Desse modo, toda a Bíblia se

refere a Jesus Cristo, anunciado e prefigurado desde os primórdios no Antigo Testamento e revelado no Novo Testamento. Sendo Maria cooperadora na obra salvífica de Jesus, estando presente na sua caminhada na terra, ela também esteve presente no anúncio de sua vinda. Sob essa concepção, mesmo sem menção explícita, a mãe está latente no anúncio sobre a encarnação do Messias.

É nesse sentido que se ressalta a presença de Maria também nas Escrituras antigas e, a partir dessa compreensão, pode-se afirmar que, ela está presente na Bíblia desde o Gênesis até os livros proféticos. Os estudos mariológicos, ainda na época dos Padres da Igreja, inserem Maria na economia da salvação, compreendendo esta como:

Todos que crêem em Cristo, o Pai quis chama-los a Formarem a Santa Igreja'. Esta 'família de Deus se constitui e se realiza gradualmente ao longo da história humana, segundo a disposição do Pai. Com efeito, 'desde a origem do mundo a Igreja foi prefigurada, foi admiravelmente preparada na história do Povo de Israel e sua Aliança. Foi fundada nos últimos tempos. Foi manifestada pela efusão do Espírito. E no fim dos tempos será glorificada, consumada (CIC, 759).

Assim explicitada no Catecismo da Igreja Católica, a economia da salvação, deve ser compreendida como uma série de acontecimentos, desde a criação até o fim dos tempos que, de forma ininterrupta, constitui a ação salvadora de Deus na história humana. Ou seja, cada fato ou acontecimento está estreitamente ligado aos subsequentes, como plano de Deus. Nesse passo, o Antigo Testamento não se desconecta do Novo. A encarnação do Verbo na pessoa de Jesus demarca os novos tempos anunciados por profetas desde os tempos imemoriais. Entretanto, não há uma ruptura para além da demarcação temporal entre o Antigo e o Novo. Trata-se da trajetória do povo de Deus desde os tempos do anúncio até a chegada de Jesus. A divisão se deu entre aqueles que ouviram a Boa Nova e nela creram e aqueles que recusaram a crer que Jesus era o Filho de Deus. Maria foi agraciada pela escolha e com seu sim possibilitou que Jesus proclamasse a novidade do amor integral, de um reino que não era desse mundo. Do começo ao fim, ela se fez presente como mãe devotada, mas ciente do seu papel e da missão do Filho.

A partir desse entendimento, para melhor compreender a missão de Maria, torna-se fundamental reconhecê-la como parte integrante e essencial na

ação salvífica. É aí que se encontra Nossa Senhora e sua missão ao lado de seu filho Jesus Cristo, centro dessa história. As evocações a Maria, nos distintos títulos conferidos a Nossa Senhora, em diferentes manifestações, atestam a importância dessa devoção. Entretanto, muitas vezes sem o substrato para dimensionar a profundidade do culto.

Em face dessa centralidade, as reflexões que se seguem buscam apontar algumas das releituras do evento mariológico presente na Bíblia. O propósito é examinar como a tipologia bíblica lê e interpreta Maria como personagem fundamental nos acontecimentos da história salvífica. Para tanto, faz-se necessário compreender o significado do termo “tipologia bíblica”. Conforme apreendido nas aulas sobre a História da Salvação, a tipologia, é descrita como um processo de analogia entre uma série de eventos e pessoas de um período e de outro, mais especificamente, um tipo nas Escrituras é uma pessoa ou coisa do Antigo Testamento que prenuncia uma pessoa ou coisa no Novo Testamento, ou seja, olhar e reler os fatos importantes do passado a luz do Novo Testamento.

Por sua vez, o Catecismo da Igreja Católica explicita que: “Já nos tempos apostólicos, e depois constantemente em sua Tradição iluminou a unidade do plano divino nos dois testamentos graças a tipologia” (CIC 128). Prossegue assinalando que, é através dela que se reconhece nas obras de Deus, relatadas no Antigo Testamento as prefigurações dos acontecimentos contidos nos Evangelhos. O Novo Testamento exige ser lido à luz do Antigo. “A tipologia exprime o dinamismo em direção ao cumprimento do plano divino, quando ‘para que Deus seja tudo em todos’ (1Cor 15,28)” (CIC 130).

O texto “A Virgem Maria na Bíblia – Velho e Novo Testamento”, afirma que se encontram na Bíblia três categorias tipológicas de Maria. As imagens como Arca da Aliança, Estrela da Manhã, Torre de David etc; as figuras de Sara, Raquel, Débora, Judite, Ester, entre outras; e as profecias tais como as apresentadas em Gênesis 1,15 e Isaías 7,11. Nesse sentido, pode-se afirmar que, a história do povo de Israel contada no Antigo Testamento faz parte de nossa história, pois, como já explicitado, o Antigo Testamento é uma preparação do povo para a vinda do Messias. É nesse sentido que se compreende que Maria

está de tal forma ligada a Jesus que sua figura está presente em diversas profecias que se referem a Ele (Hellem, 2013).

Evidentemente, a centralidade dos Evangelhos e das cartas apostólicas nas mensagens de Jesus, nos primórdios do cristianismo, relegou a figura de Maria. Entretanto a doutrina da Igreja Católica em concílios, encíclicas e documentos diversos tem conferido ênfase à figura *Mater* de Maria.

Assim, conforme o Capítulo VIII da *Lumen Gentium*, é prefigurada Maria já no Gênesis: “Maria encontra-se profeticamente delineada na promessa da vitória sobre a serpente (Cf Gên 3,15)” (LG, 55). De acordo com a percepção da Igreja Católica, na leitura que faz dos eventos do início da humanidade descrita no livro do Gênesis, Eva, a mulher que ao lado de Adão levou a humanidade ao pecado original, prefigura Maria e anuncia a Mãe do Redentor. O Catecismo da Igreja Católica considera assim, recordando que:

[...] numerosos Padres e doutores da Igreja vêem na mulher anunciada no ‘proto-evangelho’ a Mãe de Cristo, Maria, como ‘nova Eva’. Foi ela que, primeiro e de uma forma única, se beneficiou da vitória sobre o pecado conquistada por Cristo: ela foi preservada de toda mancha do pecado original e durante toda sua vida terrestre, por uma graça especial de Deus, não cometeu nenhuma espécie de pecado (CIC, 411).

Também São Vicente Ferrer apresenta em seus sermões uma extensa analogia bíblica sobre Maria, destacando-a como personagem sagrada na devoção. A tipologia de Maria como imagem invertida¹ de Eva, foi por ele assim explicitado:

Eva é o início e a causa de todos os males, como Maria é a causa e início de todo o bem. [...] Eva fora visitada por um anjo mal, Lúcifer, na forma de uma serpente, mas Maria foi saudada por um anjo bom. A primeira foi tentada, enganada e seduzida, a segunda não foi tentada, mas informada pelo anjo[...] Eva colheu e comeu do fruto proibido e colocou-o em seu ventre, o qual foi causa de morte. Maria concebeu um fruto que foi a causa da vida. Pela primeira mulher, toda a natureza prosterna em dor e miséria, e as portas do Paraíso foram fechada. Pela Virgem Maria a natureza é reparada e as portas do Paraíso dilatadas e abertas (São Vicente Ferrer, apud FRANCO 2017, p. 410).

¹ O termo Invertida, usado por São Vicente Ferrer, quer destacar que a analogia entre Eva e Maria ressalta o antagonismo entre as duas figuras.

O proto-evangelho trata de uma profecia. No entanto, cabe aqui essa analogia da figura de Eva com Maria: Eva disse sim ao demônio, permitindo ao pecado entrar no mundo através do homem. Maria disse sim a Deus através do anjo Gabriel, permitindo a salvação entrar no mundo pelo seu consentimento.

A analogia entre Eva e Maria pode ensejar estranhamento. Entretanto, são figuras representativas na história da salvação. A primeira pela desobediência, exemplifica os tormentos humanos nesse vale de lágrimas. A segunda, pela obediência irrestrita, possibilita a redenção da humanidade que diz sim a Jesus.

Estando a Mãe tão intimamente vinculada ao Filho no plano divino, é natural que ela seja sinalizada nas profecias a respeito do Messias prometido. Isaías, por exemplo, proclama com clareza esta profecia: “Pois sabeis que o Senhor mesmo vos dará um sinal: eis que a jovem está grávida e dará à luz um filho e dar-lhe-á o nome de Emanuel” (Is 7,14). A realização dessa profecia é revelada por São Lucas quando este descreve a anunciação feita pelo anjo Gabriel à uma virgem chamada Maria e lhe diz: “Eis que conceberás no teu seio e darás à luz um filho, e o chamarás com o nome de Jesus” (Lc 1,31).

Nestas duas passagens bíblicas, em dois tempos distintos evidencia-se com naturalidade, o anúncio de tempos ancestrais se revelar na vida de Maria, a Mãe do Messias esperado. É, portanto, através de Maria que se realiza a encarnação do Filho de Deus que, se tornando filho da jovem de Nazaré, assume a condição humana: “Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a Lei, para resgatar os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial” (Gl 4,4-5). Dessa forma, Jesus restabelece a comunhão entre os homens e Deus (CIC 187).

O povo de Israel conhecia as Sagradas Escrituras e seguia seus preceitos. A vinda do Messias foi anunciada por muitos profetas e essa espera fortalecia a fé que o Antigo Testamento registra em várias passagens. Maria as conhecia e revelou a concretude dessa fé em seu sim. Muitos foram chamados e poucos foram escolhidos. Maria acolheu o chamado antes da sua concretização e foi a escolha principal, a partir da qual a história da salvação se corporificou em Jesus.

Uma terceira profecia referindo-se à mãe do Messias, encontra-se em Miqueias, quando ele anuncia que é em Belém que nascerá o Messias e enfatiza que Deus não a abandonará “até o tempo em que a parturiente dará à luz” (Mq 5,2). Mateus, em seu Evangelho, nos narra que Herodes ao saber pelos magos do Oriente sobre o nascimento do rei dos judeus, alarmado questiona os sumos sacerdotes para saber onde o Cristo deveria nascer e, eles respondem indicando essa passagem das Escrituras (cf. Mt 2,1-6).

Essa passagem dos Evangelhos é, possivelmente, a mais conhecida pelos cristãos e desvela a chegada de Jesus e a Sagrada Família que então era entronizada na história da salvação. Os revezes da viagem preconizam as dores futuras quando do início da vida pública de Jesus. Ao escapar da carnificina dos infantes promovida por Herodes a família vive tempos de recolhimento e espera até a apresentação de Jesus no Templo, obedecendo a tradição judaica. Maria cumpria seu papel em silêncio e esperava os desígnios do Altíssimo.

No que reporta a referências bíblicas, mesmo que indiretamente anunciem a mãe do Messias, pode-se ainda recorrer ao no livro Cântico dos Cânticos quando o autor canta as belezas e virtudes da amada, é possível a remissão à figura de Maria: “És toda bela, minha amada, e não tens um só defeito!” (Ct 4,7). Ao cantar as virtudes da Sabedoria, Salomão elabora uma imagem de mulher; as virtudes femininas por ele cantadas lembram Maria: beleza, bom senso, ama a justiça; possui temperança, prudência e fortaleza; vê os sinais e prodígios, é conselheira para o bem e conforto nas provações e tristezas. Sobretudo não há máculas que impeçam sua escolha por Deus como mãe de Seu próprio Filho (cf. Sb 8,1-9).

À medida que a história do povo escolhido por Deus para gestar o Salvador vai se desenrolando e sendo relatada nas escrituras, surgem alguns personagens que podem servir de analogia, porquanto possuindo virtudes especiais, “representam sucessivamente as minúcias da grandeza primitiva de Eva” (VIEIRA, 2006, p. 2).

Por sua vez, o Novo Testamento permite relacionar Maria com outras grandes mulheres israelitas que prenunciam os tempos esperados. Quando Herodes determinou a morte dos meninos nascidos na região de Belém,

procurando eliminar o Messias anunciado, Mateus evoca a figura de Raquel, mãe de José e Benjamim, que chora por seus filhos mortos, para mostrar, por contraste, o gesto de Maria que consegue salvar seu filho. Agraciada por Deus ela conhecia os desígnios que seu filho deveria cumprir.

De acordo com o princípio da tipologia bíblica e da interpretação alegórica da história sagrada, a pessoa de Maria se acha prefigurada em personagens do Antigo Testamento desde o Gênesis, como é o caso citado da virgem Rebeca. Ao servir água da fonte ao servo enviado por Abrão, o qual procurava uma esposa para seu filho Isaac, Rebeca, que “A jovem era muito bela; era virgem nem um homem dela se aproximara” (Gn 24,16), escutou do servo as seguintes palavras: “será a mulher que *lahweh* destinou ao filho de meu Senhor” (Gn 24,44). Esse texto, segundo São Vicente Ferrer (apud Franco, p 43), representa a figura de Deus Pai, que enviou o Arcanjo Gabriel, para anunciar à Maria, uma virgem que, como Rebeca, era muito bela. Assim como Rebeca deu abundantemente de beber ao servo de Abraão, Deus distribuiu ao mundo, através de Maria, abundantes graças e dons espirituais.

Com o propósito de reconstituir a fisionomia de Nossa Senhora, desfigurada em Eva, como visto no texto “As figuras bíblicas de Nossa Senhora”, essas figuras podem ser agrupadas a fim de ressaltar as virtudes por elas apresentadas; que juntas se concentrariam na personalidade única da virgem Maria. Elas se apresentam desde o livro do Gênesis, percorrendo as diversas circunstâncias vividas pelo povo escolhido, ressaltando a preparação que Deus propôs para formar aquela que se tornaria a Mãe de seu Filho. Com propósito de verticalizar essa reflexão, arrola-se essas personagens em grupos delineados pelo propósito da analogia (VIEIRA, 2006, p. 3 a 5).

O primeiro grupo, composto por três mulheres descritas no livro do Gênesis retrata a fecundidade que também caracteriza a Virgem Maria:

A primeira dessas singulares figuras é Sara, possivelmente, a figura mais emblemática. Tendo sua fecundidade esgotada, pois estava já com idade avançada, deu à luz por um milagre anunciado por Deus e, tornou-se mãe de uma inumerável posteridade. Também a Virgem Maria, dá à Luz ao filho de Deus, através de um milagre: “Como é que vai ser isso, se eu não conheço

homem algum? ” (Lc 1,34), assim ela gerou para a vida divina todos os homens. Nos dois casos, Deus propicia o milagre da vida fundamentado em uma fé inabalável dessas duas mulheres nos desígnios divinos.

Também Rebeca é modelo de virgem que abraça o estado conjugal. É apresentada com uma personalidade modesta, paciente e hábil. Maria, diante do anjo Gabriel ostenta incomparável modéstia e inigualável confiança. Em todo o Novo Testamento a presença de Maria é discreta, zelosa. Ela segue seu filho como coadjuvante. O único é nas Bodas de Caná, sinalizando que ela sabe do poder do Filho de Deus, o respeita e o aceita, mas exerce sua autoridade de mãe.

Raquel, mulher de rara beleza. Maria é bela e doce – “*Valde decora, Dulce Virgo Maria*”. Doce e obediente, a ponto de não questionar o anúncio do anjo. Em silêncio se prepara para enfrentar tudo o que Deus lhe determinar. Doçura pode ser interpretada como obediência. Maria ora e aceita, espera e conduz o filho no caminho da lei e da fé.

O segundo grupo apresenta mulheres descritas no livro do Êxodo, dos Juízes e no livro histórico de Judite cujas características marcantes são a força e a coragem, cujas virtudes também espelham da Virgem Maria. Ela não esmoreceu em nenhum momento, mostrando a força da sua fé nos propósitos de Deus.

A primeira nesse tópico é Maria, irmã de Moisés, ela atravessou o Mar Vermelho à frente de todas as mulheres e cantou o cântico de louvor a Deus que os libertou. Por sua vez Maria atravessou o mar da tribulação, tinto de sangue de seu filho, e entoou o hino de louvor a Deus que fez nela maravilhas. O *Magnificat* sintetiza magistralmente essa entrega amorosa e plena de fé e louvor.

Outra figura forte e determinada é Débora, profetiza, juíza do povo, libertadora de Israel e poetiza que canta louvores a Deus ao auxiliar na vitória contra o inimigo soberbo. Nesse sentido, Maria é a rainha dos profetas, venceu o adversário esmagando com seu calcanhar o orgulho do demônio, cantou o *Magnificat* exaltando o triunfo de Deus sobre os soberbos.

No caso de Judite, esta persevera no jejum e oração e o socorro do céu vem por seu intermédio, fazendo dela uma personagem digna de admiração pública. Vinculando ambas, Maria é a triunfadora imaculada que, com a simplicidade de sua virtude, salva a humanidade inteira; é para os cristãos a mediadora de todos as bênçãos e graças do céu, sendo proclamada através de inúmeros títulos, todos eles precedidos da imagem de mãe zelosa e presente.

Ao evocarem a figura de Maria, os artistas o fazem com uma beleza inigualável. Em virtude disso, o terceiro grupo de mulheres descritas nos livros históricos, apresenta também elas essa beleza excepcional como pálida imagem da Mãe de Deus. Uma vez mais, a analogia permite a conexão entre as virtudes representadas por figuras paradigmáticas que precederam Maria no plano da salvação.

Figura singular é Abigail, por sua beleza e prudência impede Davi de derramar sangue e torna-se esposa do rei: “Tua serva é como escrava” (1 Sm 25,41). Também Maria intercede a favor de seus servos, e por seus rogos Deus os perdoa. Quando o anjo Gabriel a saúda ela responde usando as mesmas palavras e torna-se filha, Mãe e esposa de Deus e mãe da humanidade que crê na mensagem de seu Filho.

Do mesmo modo Sunamita, donzela de extrema beleza foi escolhida para esposa do rei Davi na sua velhice e se manteve virgem, pois foi tratada como irmã pelo rei. Por sua vez, Maria teve a mais casta intimidade com Nosso Senhor. Depois de o ter em seu seio, manteve-O em sua mente e em seu coração, permanecendo a “sempre Virgem Maria”.

O exemplo mais emblemático é o de Ester, graciosa e amável, apresentou-se diante do rei e obteve dele misericórdia para o seu povo. Em analogia, Maria, obteve com o seu sim ao chamado de Deus, o resgate do gênero humano e salvou da morte eterna todos os seus filhos.

A representação de Nossa Senhora aos pés da cruz, leva a evocar a imagem arrebatadora da Virgem Dolorosa. Algumas mulheres do Antigo Testamento também apresentam essa característica serena e resignada diante dos sofrimentos de seus filhos. Mesmo que essa perda as desfigurem extremamente não se afastam do caminho que conduz a Deus.

No primeiro exemplo, Noemi perdeu seu esposo e filhos. As amarguras de sua vida alteraram profundamente sua fisionomia, ao ponto de não ser reconhecida pelas pessoas. Na etapa final da *Via Crucis*, Maria sofreu as dores na Paixão e Morte de seu Filho, que oprimiu seu coração. Foi a mãe cheia de dores e angústias: *Mater Dolorosa*.

Uma personagem singular do Antigo Testamento é Resta, que protegeu das feras os corpos de seus filhos durante seis meses, até o rei Davi autorizar que fossem enterrados. A seu modo, Maria segue esse percurso de amor materno, seus filhos foram e são, atacados pelos inimigos, ela permanece com eles e lhes aplica os frutos da redenção. Acompanhou seu Filho até a morte na cruz e foi uma das primeiras a saber que Jesus não estava mais no túmulo. Ela esteve com os discípulos no cenáculo e cumpriu sua missão como mãe devotada nesse e no outro mundo.

Por fim, é alencada a mãe dos Macabeus, estes foram animados por sua admirável mãe rumo ao martírio. Maria também ajudou e apoiou o seu Divino Filho, com seu carinho e sua presença, no momento de sua paixão e morte. Como mãe, ela esteve com ele em toda a trajetória de sua missão, até sua morte e ressurreição e se fez presente junto aos discípulos nos momentos de desolação e medo até a vinda do Espírito Santo.

Para além das similaridades que permitem a conexão entre figuras emblemáticas do Antigo Testamento que, por analogia, preconizariam as virtudes conferidas a Maria, há uma possibilidade de interpretação mais significativa, reportando ao livro do Êxodo, nos capítulos de 25 a 27, encontramos a história da construção do tabernáculo. Deus instrui Moisés, com precisão, a respeito da construção do tabernáculo e da Arca da Aliança que será o receptáculo do maná, da vara de Aarão e das tábuas da Aliança. Nessa História encontramos a mais bela analogia a respeito da imagem de Maria Santíssima.

Quando todas as instruções dadas por Deus a Moisés sobre a construção do tabernáculo e da arca da Aliança foram concluídas, “a nuvem cobriu a Tenda da reunião, e a glória de *Iahweh* encheu a Habitação” (Ex 40,34),

O Catecismo da Igreja Católica explicita o significado da nuvem cobrindo o Tabernáculo:

A nuvem e a luz. Esses dois símbolos são inseparáveis nas manifestações do Espírito Santo. Desde as teofanias do Antigo Testamento, a Nuvem, ora escura, ora luminosa, revela o Deus vivo e salvador, escondendo a transcendência de sua Glória: com Moisés sobre a montanha do Sinai, na Tenda da Reunião e durante a caminhada no deserto, [...] Ora, estas figuras são cumpridas por Cristo no Espírito Santo. É este que paira sobre a Virgem Maria e a cobre “com sua sombra”, para que ela conceba e dê a luz Jesus [...] (CIC,697).

Tendo como referência o artigo Maria Santíssima, a Arca da Nova Aliança para essa analogia aqui proposta, estabelecendo a Arca da Aliança, morada de Deus e, Maria, a Nova Arca da Aliança. Em face disso muitas passagens que se referem a arca do Antigo Testamento podem ser comparadas com episódios da vida de Maria relatados nos Evangelhos, estabelecendo um paralelo para maior compreensão das semelhanças referidas (A Santa Igreja, 2012).

A mais expressiva dessas conexões é que a Palavra de Deus inscrita nas tábuas da lei seria alojada num recipiente perfeito: “Faze-me um santuário, para que eu possa habitar no meio deles” (Ex 25,8). Ainda mais perfeita seria a nova morada de Deus, pois a Virgem Maria é o Santuário vivo da Palavra de Deus feito carne, a Arca da Nova e Eterna Aliança: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (Jo 1,14a). Maria acolhe esse desígnio divino sem alarde ou contestação, possibilitando a definitiva aliança entre Deus e os homens cujo repositório é ela própria.

Nesse sentido, o Catecismo da Igreja Católica faz ecoar esse ensinamento que remonta aos primeiros padres da Igreja, afirmando que em Maria, vem habitar o próprio Senhor, nesse sentido ela “é em pessoa a filha de Sião. A Arca da Aliança, o lugar onde reside a glória do Senhor: ela é ‘a morada de Deus entre os homens’” (CIC, 2676). Humildemente ela acata e torna possível a proposta divina.

Esse momento solene é descrito na anunciação do anjo Gabriel a Maria, revela a imagem da tenda no Sinai, conforme descrito anteriormente. Agora a sombra do Altíssimo envolve e penetra o tabernáculo da Nova Aliança:

“O Espírito Santo virá sobre ti, e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra” (Lc 1,35).

Nesse marco inaugural da trajetória salvífica, o anjo Gabriel saúda Maria “Alegra-te cheia de graça! O Senhor está contigo” (Lc 1,28b), confirmando com essas palavras que Maria é santa e imaculada, assim como a arca que era pura, santa e sem defeito e nenhum pecador podia tocá-la. Maria crê e sob inspiração divina aceita a missão que lhe foi confiada: ser a mãe do Salvador e, por sua pureza possibilitou o milagre da encarnação do Verbo divino.

As conexões entre episódios do Antigo Testamento e o Novo, entre a Arca da Aliança e Maria podem ser interpretados se comparar o episódio narrado no segundo livro de Samuel, quando um homem chamado Uza tocou a arca e caiu morto, Davi com medo exclama: “Como virá a Arca de *lahweh* para ficar na minha casa? ” (2Sm 6,9b), com o relato de Lucas a respeito da visita a Isabel, esta, ao ser cumprimentada por Maria exclama: “Donde me vem que a mãe do meu Senhor me visite? ” (Lc 1,43), depara-se com a comparação estabelecida pelo evangelista entre Maria e a arca. Antes de qualquer gesto ou palavra Isabel inspirada por deus, louva o messias que viria.

Nessas mesmas passagens pode-se vislumbrar outra semelhança, a respeito da alegria da proximidade com a Palavra de Deus: “Davi e toda a casa de Israel fizeram assim a Arca de *lahweh* subir, aclamando e soando a trombeta” (2Sm 6,15). Isabel e João em seu ventre se encheram de júbilo na presença de Maria que carregava em seu ventre a Palavra de Deus: “Pois quando tua saudação chegou aos meus ouvidos, a criança estremeceu de alegria em meu ventre” (Lc 1,44). Aquele que prepararia os caminhos de Jesus reconheceu a glória de Deus no ventre de Maria.

As semelhanças se estendem também relativas a temporada que ambas permaneceram na região montanhosa de Judá: “A arca de *lahweh* ficou três meses na casa de *Obed-Edon*, de *Gat*” (2Sm 6,11a). “Maria permaneceu com ela mais ou menos três meses” (Lc 1,56a). A sacralidade dessa gestação e o tempo de espera partilhado reiteram a analogia da Arca com Maria.

Do nascimento à morte de Jesus na cruz é possível conectar os dois tempos e a figura da Arca da Aliança na pessoa de Maria, Os sacrifícios no

Antigo Testamento eram feitos diante da Arca da Aliança, como relata o Livro dos Reis: “O rei Salomão e todo o Israel com ele e toda a comunidade de Israel, reunida junto dele, sacrificaram diante da Arca ovelhas e bois em tal quantidade, que não podiam contar nem calcular” (1Rs 8,5). O sacrifício de Jesus Cristo realizou-se diante de Maria: “Perto da cruz de Jesus, permaneciam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe” (Jo 19,25).

Essas possibilidades de comparações revelam que Deus veio ao encontro do povo de Israel, como uma presença espiritual, mas em Maria, a Arca da Nova Aliança, Deus vem habitar com seu povo, não apenas espiritualmente, mas fisicamente. A arca continha a Lei de Deus, em Maria era a Palavra de Deus feito carne. Na arca estava o maná, o pão do céu que alimentou o povo no deserto, no ventre de Maria era o Pão da vida que desceu do céu. Na arca era a vara de Aarão que floresceu, prova do verdadeiro sacerdócio, no ventre de Maria é o verdadeiro Sacerdote. É, desta forma, que essa analogia confirma em Maria a realização de todos esses tipos. Os tempos de preparação e a espera confirmam a excepcionalidade da escolha. Maria é o ápice. Ela representa a fé encarnada não apenas na oração, mas na ação efetiva do sim que inaugura os novos tempos do Deus que como homem redime o próprio homem.

Nesse sentido, as revelações feitas por João no Apocalipse, corroboraram o paralelo entre a Arca da Aliança e Maria, quando afirma: “O templo de Deus que está no céu se abriu, e apareceu no templo a arca da sua aliança” (Ap 11,19), e na sequência: “Um sinal grandioso apareceu no céu: Uma mulher vestida com o sol, tendo a lua sob os pés e, sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas” (Ap 12,1). A mulher é Maria, a Arca da Nova Aliança, revelada por Deus a João, que veio para converter e preparar o povo de Deus para seguir o Messias.

As profecias, figuras e imagens apresentadas no âmbito deste trabalho começaram no Gênesis, o primeiro livro da Bíblia, com a figura de Eva, a primeira mulher, a mãe de todos os viventes, e termina no Apocalipse com a figura de uma rainha, a Mãe daquele “que regerá todas as nações com cetro de ferro” (Ap 12,5b). Ela é prefigurada no início e no fim das Escrituras. A figura materna cuja representatividade não cessa, nem diminui.

A Bíblia não evidencia Maria, pois ela faz parte da vida de Jesus Cristo, ela está próxima e participando da vida do filho, mesmo em silêncio. Assim, desde o Antigo testamento, quando há referência sobre o Messias, encontra-se subtendida Maria, a escolhida. No Novo Testamento a tônica é Jesus Cristo, aquele que veio ao mundo para salvar o povo de Deus. É esse salvador que nasceu de Maria, também concebida como mãe da humanidade. A representação da mãe do Salvador é sempre de uma jovem silente e que vivia humildemente em um lugarejo afastado. Ela conhecia as escrituras e aceitou o desígnio divino. Sua fé e a graça de Deus a colocaram no centro da missão salvífica. As poucas menções a Maria no Evangelho, entretanto, mostram seu desvelo pelo filho que ela acompanha até o fim na jornada terrena. A devoção mariana que se amplia na história do cristianismo reitera a grandeza do gesto de consentimento e acolhida de Maria.

3 MARIA REVELADA

Para proceder a uma reflexão sobre a figura excelsa de Maria faz-se necessário tomar como fonte primária a Bíblia, porquanto essa escritura sagrada está perpassada pela presença relevante dessa figura *mater* em vários períodos da caminhada do povo de Deus. Em virtude dessa consideração, o propósito do presente tópico é reiterar o percurso posterior àquele examinado no capítulo anterior, quando Maria passa a ser mencionada diretamente, e não mais por meio de prefigurações ou representações. Nesse sentido, o destaque a respeito de Nossa Senhora na bíblia, particularmente no Novo Testamento, apresenta-se de forma direta e explícita, bem como indireta e implicitamente, como examinado no primeiro capítulo. Entretanto, torna-se importante ressaltar que é nos evangelhos que a compreensão sobre a Santa Mãe de Deus se torna efetiva. Essa ênfase pontifica também em textos conciliares e encíclicas e, portanto, serão arrolados e examinados também nesse capítulo.

O mistério da Maternidade Divina de Maria é o fator central de sua existência e é nesse mistério que se fundamentam os demais mistérios ou dogmas marianos estabelecidos pela Igreja. Em face disso, é a partir de sua maternidade divina que se compreende o mistério de Maria e o lugar que ela ocupa na economia da salvação. Nessa perspectiva, pode-se citar aqui o que expõe o Concílio Vaticano II na sua referência a Maria e sua maternidade:

A Virgem Santíssima, predestinada para Mãe de Deus desde toda a eternidade simultaneamente com a encarnação do Verbo, por disposição da divina Providência foi na terra a nobre Mãe do Divino Redentor, a Sua mais generosa cooperadora e a escrava humilde do Senhor. Concebendo, gerando e alimentando a Cristo, apresentando-O ao Pai no templo, padecendo com Ele quando agonizava na cruz, cooperou de modo singular, com sua fé, esperança e ardente caridade, na obra do Salvador, para restaurar nas almas a vida sobrenatural. É por esta razão nossa mãe na ordem da graça (LG 61).

Maria e Jesus aparecem, no texto conciliar, indissolúvelmente unidos no plano divino, pois a mãe devotadamente acompanha seu Filho e coopera com ele, de forma singular, na restauração da humanidade. A Sagrada Escritura nos ensina que essa maternidade se destaca especialmente na importância conferida à passagem da anunciação.

Seguindo essa perspectiva, o Evangelho de São Lucas faz um retrato revelador e substancial da Mãe de Cristo, bem como mostra-a intimamente associada à obra salvífica de Jesus. Na concepção de Lucas pode-se vislumbrar o momento inefável da encarnação do próprio Deus no seio da jovem Maria. Essa maternidade se concretiza em uma intervenção extraordinária de Deus, mediante a ação do Espírito Santo e na aceitação consciente e voluntária de Maria, que significa e revela a santidade da Mãe do Filho de Deus e sua entrega total a obra redentora.

No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão chamado José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. Entrando onde ela estava, disse-lhe: “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!” Ela ficou intrigada com essa palavra e pôs-se a pensar qual seria o significado da saudação. O Anjo, porém, acrescentou: “Não temas, Maria! Encontraste graça junto de Deus. Eis que conceberás no teu seio e darás à luz um filho, e o chamarás com o nome de Jesus. Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará na casa de Jacó para sempre, e o seu reinado não terá fim. Maria, porém, disse ao Anjo: “Como é que vai ser isso, se eu não conheço homem algum?” O Anjo lhe respondeu: “O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra; por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus. Também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na velhice, e este é o sexto mês para aquela que chamavam de estéril. Para Deus, com efeito, nada é impossível.” Disse, então, Maria: “Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo tua palavra! E o Anjo a deixou (Lc 1, 26-38).

De acordo com o Evangelho, concepção que fundamentará todos os dogmas assumidos pela Igreja posteriormente sobre a encarnação do verbo que se tornou carne, a partir daquele momento Jesus e Maria unem-se para sempre, visando cumprir os desígnios divinos acerca da Redenção humana. No “*fiat*” de Maria encerra-se a doação da própria vida em obediência à vontade de Deus de torná-la Mãe do Salvador. Importante reiterar que o fundamento do sim da jovem que vivia singelamente em um pequeno lugarejo é a fé profunda e o conhecimento das Sagradas Escrituras, sobretudo do anúncio da chegada do Messias. A graça de Deus, por meio do Espírito Santo leva ao acatamento imediato desse desígnio, sem restrições.

Nesse percurso de mistério, fé, entrega e resignação aos desígnios sagrados, o primeiro ato da Anunciação pressupõe a liberdade de Maria,

apresentando uma mulher livre. Como defini-la como tal se, em sua época a mulher era absolutamente submissa ao homem, seja pai, marido, irmão e até filho? Ressalta-se a liberdade de Maria desvelando uma pessoa determinada, responsável, consciente e participativa. Ela poderia considerar os percalços que o anúncio da gestação provocaria, sobretudo nas pessoas mais céticas e os desdobramentos que incorreriam na sua vida dali adiante, como jovem imaculada comprometida com José, mas ela não se deteve, alimentada por uma profunda fé em seu desígnio sagrado. Um único questionamento de como esse mistério se realizaria, uma vez que ela era virgem e o acatamento da resposta do anjo que anunciava o milagre dessa concepção.

A narração do Evangelho de Lucas endossa a vocação já determinada de Maria, vocação à maternidade do Filho de Deus. Mulher livre para tomar a maior decisão que seria imposta a um ser humano em toda a existência do mundo. Livre para aceitar o anúncio do Anjo e dizer sim ou não. O sim não veio de imediato, levado pelo entusiasmo e a alegria de ser a escolhida. A proposta de Deus feita através do Anjo foi respondida com toda responsabilidade que lhe é digna, com questionamento e esclarecimento de dúvidas, com longa reflexão silenciosa, conhecendo as condições da concepção e, finalmente, após esse diálogo com o enviado de Deus, disse sim para ser a mãe do Messias, o filho de Deus.

O momento dessa revelação é paradigmático. No recolhimento do lar, ao ser saudada pelo Anjo Gabriel como “cheia de graça”, evidencia-se que Maria está coberta do favor divino, “algo que já havia realizado na mulher que ia ser a mãe de Deus”, antes mesmo de sua concepção (ELEIZALDE, 1995, p.136).

Nesse sentido, compreende-se que Maria foi agraciada, desde o primeiro momento de sua concepção, como a plenitude da graça inicial, as virtudes e os dons espirituais. Depreende-se então que Maria aceitou e compreendeu a palavra que Deus enviou a ela através de seu mensageiro, cooperando de forma imediata, livre e consciente. Aqui se situa a grandeza do “*fiat*” de Maria, já que foi essencialmente um ato de fé, amalgamado por um aprendizado e pela introspecção a partir das Sagradas Escrituras; Maria estava inserida num tempo de espera pelo Messias que seria enviado por Deus para

resgatar a humanidade. Ela assentia, seguia os preceitos religiosos, orava e esperava.

Constitutivo dos tempos de espera em períodos precedentes, mas que se conectam à mesma trajetória de salvação, narra o evangelista que, sendo informada pelo anjo sobre a gravidez milagrosa da sua prima Isabel, já em idade avançada, Maria vai imediatamente ao seu encontro. Solícita, ela se dirige “à região montanhosa”, para ajudar sua parente.

Nesse sentido, pode-se reiterar a analogia estabelecida no primeiro capítulo, entre Maria e a Arca da Aliança. É possível considerar que São Lucas a vê assim, pois leva em seu seio o verdadeiro “Verbo de Deus”. Todo o trecho do encontro entre ambas, nas palavras do evangelista, reafirma esse paralelo. Na alegria e na exclamação espontânea de Isabel, agraciada pelo evento de uma gravidez tardia e inspirada por um dom divino, percebe-se a confirmação do reconhecimento da jovem Maria como a “Mãe do meu Senhor”, a certeza da divindade e da chegada iminente do Messias.

De acordo com os Evangelhos, nessa visita, após efusiva saudação por parte de Isabel, a Virgem Maria entoava o belo canto do “*Magnificat*”, expressando os sentimentos que inundavam seu espírito naquele momento:

Minha alma engrandece o Senhor, e meu espírito *exulta em Deus, meu Salvador, porque olhou para a humilhação de sua serva*. Sim! Doravante as gerações todas me chamarão de bem-aventurada, pois o Todo-poderoso fez grandes coisas em meu favor. *Seu nome é santo e sua misericórdia perdura de geração em geração, para aqueles que o temem*. Agiu com força de seu braço, dispersou os homens de coração orgulhoso. Depôs poderosos de seus tronos, e a *humildes exaltou*. *Cumulou de bens a famintos e despediu ricos de mãos vazias*. *Socorreu Israel, seu servo, lembrado de sua misericórdia* – conforme prometera a nossos pais – em favor de Abraão e de sua descendência, para sempre! (Lc 1,46-55).

Nesse cântico, cuja simbologia exalta a magnificência de Deus com o seu povo, Maria louva o Senhor por ter olhado para ela e exaltado os humildes, pelas maravilhas operadas por Deus em seu povo, ou seja, pelo cumprimento das promessas feitas ao povo eleito na pequenez de uma jovem de Nazaré. Doravante, a anônima jovem que seguia os preceitos religiosos e vivia modestamente os tempos de espera preconizados no Antigo Testamento, seria

aquela cuja vida seria para sempre e indissociavelmente inserida na economia de salvação. A partir de então não mais prefigurada nos livros sagrados, mas uma partícipe desse processo previsto desde tempos imemoriais.

O canto da Virgem Maria é o paradigma da Teologia da Meditação e da Libertação, sendo considerado o Espelho da Alma de Maria, via do qual podemos afirmar que Maria foi dotada de uma alma libertadora.

Uma das mais instigantes considerações sobre o *Magnificat* veio a lume a partir da reflexão do teólogo Auguste Nicolas, na qual ele ressalta que “O *Magnificat* é o canto mais sublime que foi um dia cantado à Divindade”. E ressalta: “no Cântico é Maria e através de Maria, a causa do pobre e do humilde que venceram no universo. Assim, seu canto de triunfo é o canto libertador da humilde contra o soberbo, do pequeno contra o grande e do pobre contra o rico” (Apud BOFF, 2006, p. 313).

Outro ponto a se destacar sobre *O Magnificat*, reiterando que ele foi proclamado na visita de Maria a sua prima Isabel, foi o encontro extraordinário de duas mulheres. É preciso observar que nesse momento marcante, mesmo na presença de homens, elas são as protagonistas de eventos singulares, operados através delas por desígnio divino, deixando-os, mesmo que momentaneamente, à margem dos acontecimentos. Esse encontro e a centralidade desse evento destoa da subordinação das mulheres em relação aos homens, sobretudo à época e naquela cultura fortemente patriarcal. O cerne da narrativa nas escrituras são Isabel e Maria, que carregam em seus ventres aquele que anunciará a breve chegada do Messias e a outra o próprio Deus encarnado. Nesse sentido, *o Magnificat* é como um Salmo, no qual Maria é a representante digna da comunidade primitiva em sua pobreza, sofrimento e, principalmente, em sua fé inamovível, sua solidariedade e sensibilidade com as necessidades do próximo.

Maria, por sua simplicidade e humildade, era silente. Ademais, por questões culturais, tradicionalmente às mulheres era reservado um espaço subserviente e secundário nas sociedades patriarcais. A vida resumia-se à família e mesmo nas sinagogas seu papel não era proeminente. No entanto, o Espírito de Deus a cobria de inspiração e efusiva emoção Divina, o que a impeliu,

com sonora voz, a cantar, externando a grandiosa obra que o Senhor operara por meio dela. Não sem razão, *O Magnificat* é considerado o Cântico dos Cânticos.

Nessa trajetória salvífica, que narra poucos, mas fundamentais eventos que antecedem a chegada do Messias, São Lucas começa a narração do nascimento de Jesus com muita sobriedade, enfatizando que o Verbo do Pai veio ao mundo na intimidade e no silêncio, rodeado de sua mãe e de seu pai, São José. São essas pessoas as testemunhas do nascimento do Filho de Deus. “Enquanto lá estavam, completaram-se os dias para o parto, e ela deu à luz seu filho primogênito, envolveu-o com faixas e reclinou-o numa manjedoura, porque não havia um lugar para eles na sala” (Lc 2, 6-7). A sagrada família se consolidava ali, distante de casa, longe dos parentes e sob a ameaça de infanticídio por parte de Herodes, que fora informado do grandioso acontecimento do nascimento daquele também anunciado como rei dos judeus.

Como narra o evangelista, havia na região em que José e Maria se encontravam alguns pastores que apascentavam seu rebanho e pernoitavam nesse lugar protegido das intempéries, mas que oferecia pouco conforto. O Anjo aparece inesperadamente para eles, anunciando uma grande alegria. A presença do Anjo vem acompanhada da Glória do Senhor que os envolve em luz e acalmados pelas palavras do Anjo, eles ouvem a notícia: “Nasceu-vos hoje um Salvador, que é o Cristo-Senhor, na cidade de Davi. Isto vos servirá de sinal: encontrareis um recém-nascido envolto em faixas deitado numa manjedoura” (Lc 2, 11-12).

Na sequência, São Lucas narra outra cena sublime e que é lembrada em cada ato natalino da comunidade cristã, quando uma multidão do exército celeste se junta ao anjo e entoam Glória a Deus, expressando a honra que se deve tributar à majestade de Deus e o reconhecimento de sua ação poderosa em favor dos homens.

A narrativa de São Lucas dá conta da admiração e da fé nas escrituras de quantos acorreram ao encontro do recém-nascido, bem como da reação da Virgem Mãe, que “guardava todas essas coisas, meditando-as no seu coração”

(Lc 2,19). Os primeiros ficavam admirados, ou seja, não passou de uma reação aos acontecimentos daquela noite. A atitude de Maria é muito mais profunda:

Maria, ao querer aprofundar o significado dos acontecimentos relativos ao nascimento de Jesus e ao procurar acomodar sua vida a eles, antecipa a atitude de todo discípulo de Cristo. Com razão Paulo VI pode dizer que 'Maria é a primeira e mais perfeita discípula de Cristo' (EILEIZALDE, 1995, p.158).

À época vigorava uma Lei sobre todas as grávidas chamada “A Lei da Mulher Gestante”, lei essa que implicava várias exigências a serem obrigatoriamente cumpridas quando a criança nascesse. Uma dessas exigências tratava-se de que todo primogênito seria consagrado no templo no ato de sua circuncisão, que ocorria no sexto dia de seu nascimento. “Não tardarás em oferecer de tua abundância e do teu supérfluo. O primogênito de teus filhos, tu mo darás” (Ex 22, 28). Seguindo os preceitos, quando chegou o momento determinado, o menino Jesus foi levado a Jerusalém para ser apresentado no templo, conforme está escrito na Lei do Senhor. “ Quando se completaram os dias para a purificação deles, segundo a Lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém a fim de apresenta-lo ao Senhor” (Lc 2, 22). A narrativa desses episódios é perpassada pelo reforçamento da obediência e desvelo demonstrados pela sagrada família de Nazaré à lei mosaica, que regia os princípios religiosos judaicos.

Eis que o Evangelho registra um primeiro momento em que se evidencia a divindade do menino, quando da apresentação de Jesus no templo, e a narrativa bíblica apresenta-o como primogênito pertencente ao Senhor. Maria e José obedecem a vontade de Deus e aos preceitos da sua religião e na casa do Senhor o Filho de Deus é consagrado ao Pai. No templo encontram-se com Simeão “homem piedoso” (Lc 2,29). Nesse episódio tem-se a simbólica entrega do Filho de Deus aos homens, realizado pelas mãos de sua mãe, Maria. Simeão dirige a Maria as seguintes palavras:

Eis que este menino foi posto para a queda e para o soerguimento de muitos em Israel, e como um sinal de contradição – e a ti, uma espada traspassará tua alma! – para que se revelem os pensamentos íntimos de muitos corações” (Lc 2, 34-35).

Diante das palavras proferidas por Simeão, associadas ao louvor da profetiza Ana, Maria, efetivamente compreendeu que seu Filho era o Messias e que ela, como mãe, estaria unida aos acontecimentos da vida de seu Filho.

A cena de conclusão do relato se São Lucas sobre a infância de Jesus, vem confirmar a filiação divina de Jesus. Após um significativo período em que não há registros específicos, indicando uma imersão absoluta na rotina familiar, anota-se um longo relato sobre a viagem que faziam “todos os anos a Jerusalém para a festa da Páscoa” (Lc 2,41). Quando Jesus tinha doze anos foram como de costume, quando voltavam para a Galileia, Jesus ficou em Jerusalém sem que os pais percebessem. Ao perceber a falta do menino, se puseram inutilmente a procura-lo entre os parentes, conhecidos e outros grupos que marchavam juntos na viagem de retorno. José e Maria então, amargurados tomaram o caminho de volta a Jerusalém e o encontraram entre os doutores, no templo. O evangelista pontua que “todos aqueles que ouviam o menino ficavam maravilhados com sua inteligência e suas respostas” (Lc 2,47).

Entretanto, como pais devotados, o episódio certamente causou temor e ansiedade em José e Maria. Ao ser interpelado por sua mãe sobre sua ausência do trajeto de retorno como faziam a cada ano, a resposta de Jesus é surpreendente, Maria questiona e seu Filho lhe responde com uma pergunta.

A resposta de Jesus está em um plano distinto da pergunta de Maria. “Maria fala de acordo com a vida cotidiana dizendo de José: “seu pai”. Jesus responde retomando a mesma palavra Pai, mas é de outro Pai que fala: Deus, não José [...] a paternidade de José [...], se desvanece e se funde na paternidade Divina que passa ao primeiríssimo plano (ELEIZALDE, 1995, p.67).

São Lucas, para indicar a atitude de Maria diante da resposta de seu Filho, repete a mesma expressão que ele utilizou para mostrar os sentimentos da mãe no episódio da adoração dos pastores: “Sua mãe, porém, conservava a lembrança de todos esses fatos em seu coração” (Lc 2, 51). Como ao longo desses anos iniciais a tradição das anuais ao templo se manteve sem intercorrências, Maria se afligiu com o desaparecimento do filho, como qualquer mãe zelosa. Entretanto, a resposta de Jesus a situa, pela vez primeira, na trajetória que havia sido designada a ela: a mãe do salvador. Como tal, ela se posiciona diante da resposta do Filho.

Com o propósito de narrar o próximo episódio da dedicação de Maria a seu Filho Jesus, recorre-se ao Evangelho de João. Trata-se das Bodas de Caná, ocorrida no início da vida pública do Senhor. Os hagiógrafos chamam a atenção para a forma como o evangelista se refere a Maria; ele nunca cita diretamente seu nome, mas sempre a denomina a mãe de Jesus, colocando-a como colaboradora na obra de seu Filho.

Da mesma forma acontece com Jesus, que nunca se dirige a Maria com a denominação de Mãe, sim com a de “Mulher”, pois deseja ‘fazer passar ao segundo termo da relação biológico materno-filial que o une a ela em favor de um papel mais universal e representativo’ (ELEIZALDE, 1995, p. 178).

Nessa passagem Maria informa seu Filho que não tem mais vinho em uma festa que não dava sinais de estar no fim, o que implicaria em constrangimento aos anfitriões. As palavras dela são uma delicada súplica por ajuda e espera de intervenção. Em seu íntimo ela está ciente de que Jesus tem poderes divinos e, portanto, o dom de operar milagres. A resposta de Jesus à sua ciosa mãe causa estranheza, pois os dois aparentam não estar de acordo. Eleizalde faz a seguinte reflexão sobre essa situação: “Jesus deixa entender que Ele se situa em outro nível de Maria”, ou seja, “Ela pensa no vinho da festa; Jesus pensa na missão messiânica que começa” (Ibid p.180).

A dureza das palavras de Jesus é suavizada quando diz “Minha hora ainda não chegou” (Jo 2, 4b). A conclusão do diálogo se faz com Maria orientando os servidores: “Fazei tudo que ele vos disser”. Ao dizer isso, Ela assume o papel de mediadora entre os homens e Jesus (Jo 2,5b). Seu filho não deixaria de atender a uma súplica da sua mãe.

Maria é a colaboradora de Cristo e em sua realização de milagre; ela nos oferece nesse relato uma mostra acabada de sua intercessão junto do Filho. A Virgem corre com presteza para remediar uma carência material. Sua solicitude materna se abre aos homens e seu comportamento mostra de forma implícita sua maternidade espiritual (ELEIZALDE, 1995, p.182).

Além de mediadora, Maria tornou-se, a partir desse momento emblemático, a primeira evangelizadora por ter anunciado Jesus. Seu desejo era que todos soubessem que Jesus era o Salvador, o Messias, porém não o disse, resguardando o tempo para a missão. Falou para que fizessem o que Jesus

dissesse, não falou façam o que eu determino, dessa forma entende-se que ela está animando os servidores para que obedçam prontamente. Para os seguidores, implica em receber e crer de forma ativa em seu Filho.

A partir do episódio das bodas de Caná, a presença de Maria não é destacada nos Evangelhos durante a vida pública de Jesus, que se ocupa então de arrebanhar discípulos com o propósito de pregar a boa nova em todos os lugares. Ela retorna à narrativa bíblica no momento derradeiro do suplício de seu Filho na cruz. Reportando ainda ao Evangelho de São João enquadra-se o relato profundo da crucificação do Senhor:

Perto da cruz de Jesus, permaneciam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. Jesus, então, vendo a mãe e, perto dela, o discípulo a quem amava, disse à mãe: “Mulher, eis teu filho!” Depois disse ao discípulo: “Eis tua mãe!” E a partir dessa hora, o discípulo a recebeu em sua casa” (Jo 19, 25-27).

Esses versículos retratam Jesus na hora da sua morte, preocupado com a solidão de sua mãe, confiando seu cuidado a João. É um gesto de amor filial, mas ao mesmo tempo um rico simbolismo acerca da Salvação.

O testamento da cruz, põe em evidência um novo vínculo entre a mãe e o Filho, que confirma solenemente toda a verdade e realidade. Se pode dizer que, se a maternidade de Maria a respeito dos homens já havia sido delineada anteriormente, agora é confirmada e estabelecida claramente (RM 23, apud ELEIZALDE, 1995, p.185).

Nessa passagem, Jesus dirige-se primeiro à sua Mãe, para que ela tome a seu cuidado o discípulo dileto, uma missão especialmente encomendada a Maria, missão que tem uma estreita relação com a obra redentora. A função materna de Maria se estende a todos os discípulos de Cristo, representados naquele momento por João. A partir da representação desse instante solene, a Virgem Santíssima se torna a mãe da Igreja. Essa maternidade espiritual de Maria é a imagem da maternidade da Igreja.

É nesse sentido que o Papa Paulo VI coloca Maria como presença relevante no mistério de Cristo e da Igreja, indicando que a devoção a Ela contribui para consolidar a fé em Jesus Cristo.

Por sua vez, a Igreja que contempla a sua santidade misteriosa e imita a sua caridade, cumprindo fielmente

a vontade do Pai, toma-se também, ela própria, mãe, pela fiel recepção da palavra de Deus: efetivamente, pela pregação e pelo Baptismo, gera para vida nova e imortal, os filhos concebidos por acção do Espírito Santo e nascidos de Deus. E também ela é virgem, pois guarda fidelidade total e pura ao seu Esposo e conserva virginalmente, à imitação da Mãe do seu Senhor e por virtude do Espírito Santo, uma fé integra, uma sólida esperança e uma verdadeira caridade (190). (LG 64).

Ao reconhece-la como Mãe da Igreja Paulo VI complementa o dogma da Maria Santíssima como Mãe de Deus proclamado no Concílio de Éfeso em 431. Essa doutrina foi posteriormente ratificada em diversos Concílios Ecumênicos. A partir do título de Mãe de Deus, fundamento da mariologia, e predecessor dos demais dogmas proclamados pela Igreja Católica concernentes a Virgem Maria.

4 MARIA VENERADA

Desde o início do cristianismo, as comunidades dos fiéis tinham a preocupação de situar Maria, a Mãe do Salvador, no plano salvífico de Deus. Nesse sentido, ao longo do tempo, a partir de embates teológicos memoráveis, presentes nos escritos patrísticos e mesmo na literatura cristã, presente em escritos teológicos, nasce na Igreja uma série de verdades de fé conhecidas como dogmas.

Os quatro dogmas marianos, instituídos pela Igreja Católica se referem a Maternidade Divina, Mãe de Deus (*Theotókos*), Maria Virgem e Virgindade, são antigos e estão estreitamente ligados entre si e inseparáveis da fé em Jesus Cristo a sua formulação histórico-dogmática. Os dogmas da Imaculada Conceição e Assunção de Maria são mais recentes e estão baseados na dignidade e no significado de Maria Virgem e Mãe de Deus.

Referindo-se a Virgindade de Maria, Orozco (1996) expõe que o termo grego *theotókos*, significa aquela que tinha gerado Deus. O autor relata que Notório, monge elevado à sede patriarcal de Constantinopla, no ano 428, começou a ficar desassossegado quando em Santa Sofia ouviu o povo aclamar a Virgem Maria como *Teotókos*, além de apaziguar os embates seguidos pela questão, o Papa Celestino e São Cirilo confirmam a doutrina da fé professadas e vivida pelo povo fiel. E, para desfazer a questão definitivamente, é convocado o Concílio de Éfeso.

O Concílio Vaticano II, torna-se eco do constante ensino da Igreja, ao afirmar na introdução do capítulo VIII da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* que: “efetivamente a Virgem Maria, que na anunciação do Anjo recebeu o Verbo de Deus no seu coração e no seu corpo e deu a vida ao mundo, é reconhecida e venerada como verdadeira Mãe de Deus Redentor” (LG. 55).

A esta luz, Maria encontra-se já profeticamente delineada na promessa da vitória sobre a serpente (cf. Gên. 3,15), feita aos primeiros pais caídos no pecado. Ela é igualmente, a Virgem que concederá e dará à luz um Filho, cujo nome será Emanuel (cf. Is.7,14; cf. Miq.5, 2-3; Mt.1, 22 -23).

E a primeira entre os humildes e pobres do Senhor, que confiadamente esperam e recebem a salvação de Deus. Com ela, enfim, excelsa Filha de Sião, passada a longa espera da promessa, se cumprem os tempos e se inaugura a nova economia da salvação, quando o Filho de Deus dela recebeu a natureza humana, para libertar o homem do pecado com o mistério da Sua vida (LG.53).

Nessa perspectiva, Orozco elucida que Maria sendo coroada pela Trindade como Rainha e Senhora de tudo o que foi criado, simboliza aquela de quem falam vários profetas, a Filha de Sião, que “representa o mistério do povo de Israel nos três aspectos de Esposa, Mãe e Virgem” (1996, p. 26), profecias realizadas plenamente no mistério de Maria.

O dogma não afirma simplesmente que Maria era Virgem, mas, sendo virgem, tornou-se mãe de Deus, como afirma a Igreja no Catecismo, ressaltando que a virgindade de Maria em relação à concepção de Jesus presente nos escritos do Novo Testamento e testemunhado pela Igreja no Símbolo Apostólico são tão claros e indiscutíveis, assim explicita:

O aprofundamento de sua fé na maternidade virginal levou a Igreja a confessar a virgindade real e perpetua de Maria, mesmo no parto do Filho de Deus feito homem. Com efeito, o nascimento de Cristo “não lhe diminuiu, mas sagrou a integridade virginal” de sua mãe. A Liturgia da Igreja celebra Maria como a “*Aeiparthenos*” sempre virgem (CIC 499).

Assim descreve a teologia sobre o dogma que se refere a virgindade de Maria, reiterando a fórmula com a qual os cristãos confessam sua fé nesse mistério e o caráter eminentemente cristológico, ressaltando que a virgindade perpétua de Maria é sinal eloquente da divindade de Jesus:

Jesus Cristo não é fruto do esforço humano, mas dom de Deus. A expressão do Credo “o qual foi concebido do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria” se refere respectivamente ao lado divino (poder do Espírito Santo) e ao lado humano (limitação de Maria como virgem) do mistério da encarnação. A concepção virginal de Jesus não é prolongamento natural da criação, mas ruptura e renovação como obra da redenção de Deus, pois Ele vem do alto. Maria pertence à humanidade e representa a história diante de Deus, embora preservada e isenta de toda mácula do pecado (Paróquia São Pedro, tópico 5, 2017).

Nesse sentido, Orozco afirma: “Longe de deixar a pessoa incompleta, à virgindade de Maria, como entrega e dedicação total a Deus, em corpo e alma,

aperfeiçoa-a com uma fecundidade insuspeita” (1996, p.56). Essa virgindade livremente assumida pela jovem de Nazaré testemunha o valor da liberdade humana. À essa luz pode-se dizer que a virgindade é a afirmação da autonomia, da liberdade e da autodisposição de Maria que, não conhece homem e concebe em virtude do Espírito Santo, assumindo essa concepção, sentindo-se responsável apenas diante de Deus e entregando-se totalmente aos seus desígnios.

A partir desse entendimento, menciona-se também os escritos de Santo Agostinho a respeito do tema em questão, quando ele diz:

Maria deu à luz corporalmente a Cabeça desse corpo. A Igreja dá à luz espiritualmente os membros em uma nem em outra a fecundidade destruiu a virgindade. Portanto, se a Igreja universal e santa de corpo e de espírito, sem, contudo, ser virgem universalmente pelo corpo, mas pelo só pelo espírito, quanto mais excelente deve ser a santidade naqueles seus membros em que ela é virgem, pelo corpo e pelo espírito (SANTO AGOSTINHO, p.18).

Ainda nesse sentido, tem-se na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, a descrição do papel assumido por Maria em relação à Igreja que é inseparável da sua união com Cristo e decorre dela diretamente. Em face dessa centralidade, as reflexões da Igreja atestam que;

O papel de Maria em relação aos homens de modo algum ofusca ou diminui esta única mediação de Cristo; manifesta ainda sua eficácia. Evidencia que: “todo o influxo Salvadora Virgem Santíssima sobre os homens se deve ao beneplácito divino e não a qualquer necessidade; deriva da abundância dos méritos de Cristo”, complementa ainda que “funda-se na Sua mediação e dela depende inteiramente, haurindo aí toda a sua eficácia; de modo nenhum impede a união imediata dos fieis com Cristo, antes a favorece” (LG 60).

Nesse sentido, fica latente que a plenitude da maternidade espiritual da Santíssima Virgem Maria está inteiramente ligada à sua incomparável santidade, e é antes de tudo expressão do amor que se dá por generosidade, como exposto na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*;

A Virgem Santíssima predestinada para Mãe de Deus desde toda a sua eternidade simultaneamente com a encarnação do Verbo, por disposição da divina Providência foi na terra a nobre Mãe do divino Redentor a Sua mais generosa cooperadora e a humilde do Senhor. Concebendo, gerando e alimentando a Cristo,

apresentand-O ao Pai no templo, padecendo com Ele quando agonizava na cruz, cooperou de forma singular, com sua fé, esperança e ardente caridade, na obra do Salvador, para restaurar nas almas a vida sobrenatural. É por esta razão nossa mãe na ordem da graça (LG 61).

Sobre a missão subordinada de Maria, não hesita a Igreja em proclamá-la aos fiéis, para mais intimamente adotarem, com esta ajuda materna, ao seu imitador e salvador. Sua virgindade atesta sua disposição total de entrar nos planos divinos pelo sim dado ao amor e fecundidade absolutos, sua disponibilidade mostrou-se fecunda e, sua colaboração deu frutos de filhos e filhas que ela assumiu aos pés da cruz.

Esta maternidade de Maria na economia da graça perdura sem interrupção, desde o consentimento, que fielmente deu a anunciação e que manteve inabalável junto à cruz, até à consumação eterna de todos os eleitos. De facto, depois de elevada ao céu, não abandonou esta missão salvadora, mas, com sua multiforme intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna (185). Cuida, com amor materno, dos irmãos de seu Filho que, entregue perigos e angustias, caminham ainda sobre a terra, até chegarem à pátria bem-aventurada. Por isso. A Virgem é invocada na Igreja com os títulos de advogada, socorro, medianeira (186). Mas isto entende-se de maneira que nada lhe tire nem acrescente à dignidade e eficácia do único mediador que é Cristo (LG.62).

Assim, também o Catecismo da Igreja Católica nos apresenta a maternidade de Maria como símbolo da maternidade da Igreja. E a Igreja é chamada na sua fé e doação a gerar novos filhos de Deus pela pregação e pelos sacramentos.

Maria é ao mesmo tempo Virgem e Mãe por ser a figura e a mais perfeita realização da Igreja. “A Igreja [...] torna-se também ela Mãe por meio da palavra de Deus que ela recebe na fé, pois pela pregação e pelo Batismo ela gera para a vida nova e imortal os filhos concebidos do Espírito Santo e nascidos de Deus. Ela ao seu Esposo” (CIC 507).

A tradição cristã afirma que o pecado original é transmitido por herança, geração após geração a todos os seres humanos. Nesse sentido, entende-se, que a pessoa humana, sendo criatura de Deus, que deveria estar aberta aos planos divinos, se encontra manchada com o pecado original por culpa da própria humanidade. Como decorrência da desobediência dos primeiros pais e descumprimento da lei divina, sendo livre para buscar as coisas de Deus, na sua liberdade, prefere seguir outros planos, ou seja, Deus nos criou

para sermos pessoas e nos tornamos seres voltados para o egoísmo, a violência e a morte. Isso constitui o pecado que herdamos dos seres originais.

É nesse sentido, que é colocado pela Igreja o dogma da Imaculada Conceição. Tendo como referência Eleizalde, que expõe a doutrina sobre a Imaculada Conceição, a afirmação de sua total preservação de toda mancha de pecado desde o primeiro instante de sua concepção, instituída pela Igreja, é resultado do processo de fé que “ao longo do tempo o povo cristão primeiro e os teólogos depois tem tomado uma consciência cada vez mais clara das implicações que se encontram na afirmação da plenitude da graça e da total santidade da Mãe do Senhor” (ELEIZALDE 1995, p.234).

Essa afirmação de Eleizalde corrobora o que é ensinado no Catecismo da Igreja Católica que assim se expressa: “Ao longo dos séculos, a Igreja tomou consciência de que Maria, ‘cumulada de graça’ por Deus, foi redimida desde a concepção” (CIC 491).

Assim sendo, mesmo que os primeiros autores cristãos não tenham referido diretamente ao dogma da Imaculada Conceição, apontam para sua singular relação entre Maria Santíssima e a obra da Redenção. Um dos destaques mais recorrentes, trata-se do paralelismo entre Maria e Eva, já exposto no primeiro capítulo, e que, constitui atualmente a base dos estudos mariológicos. Nesse sentido, a partir desse paralelo Eva- Maria, tecido pelos padres da Igreja, se externa algumas concepções, com especial destaque as que se referem a santidade da Nova Eva:

Basta citar como exemplo a Santa Efrén, que se referia a Maria dizendo que ela é toda bela, porque não há mancha alguma, São Epifânio, que ressalta a “toda bela, santa e digna de louvor”, e São Naziezeno que fala da purificação de Maria, porque ia ser a Mãe de Deus. (Eleizalde, 1995, p.236).

Nesse sentido, destaca-se a importância da posição de Santo Agostinho e sua influência histórica, que inaugura esse tema, ao afirmar que “todos os seres humanos nascem no pecado original”, “excluindo dessa lei a Maria” (SANTO AGOSTINHO, apud ELEIZALDE, 1995, p.236).

O dogma da Imaculada Conceição, não se faz sem controvérsias, ocorrem divisões e, estas precisam ser expostas. Pode-se citar como exemplo o caso de Santo Anselmo que “trata da exceção de pecado em Maria na medida em que ele é necessário para afirmar a absoluta pureza e santidade de Cristo” (apud ELEIZALDE, 1995, p. 240), ou seja, aceita a concepção virginal e isenta do pecado. São Bernardo e Santo Alberto Magno, afirmou que “a Virgem foi purificada muito depois de sua geração”. Nesse mesmo sentido, São Tomás, São Boaventura e Alexandre de Hales “negam a concepção sem mancha de Maria, ao considera-la compatível com a universalidade da Redenção” (apud ELEIZALDE, 1995, p.240).

A controvérsia seguiu seu curso ao longo do tempo, dividindo teólogos e até mesmo as ordens religiosas, até o ano 1431, quando o Papa Eugenio IV convoca o Concílio da Basileia, afim de pacificar os embates teológicos e diversas ordens religiosas defendem a concepção Imaculada de Maria.

Como afirmamos anteriormente, desde os primeiros séculos da Igreja os fiéis cristãos têm Maria como a primeira criatura redimida por Cristo. Ela é a Mãe do Redentor. Ela, em sua plenitude, se manifesta em toda a perfeição como Virgem e Santa. Nesse sentido, a Igreja também estabelece de acordo com a fé expressa pelos cristãos, a glorificação de Santa Maria.

O Dogma da Assunção da Virgem Santíssima foi proclamado solenemente pelo Papa Pio XII, no dia 1º de novembro de 1950 e sua festa no dia 15 de agosto. Quando o Papa decretou, por meio da Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*, foi uma verdadeira apoteose. Nesse documento disse o Papa:

Cristo em sua morte, venceu o pecado e a morte e sobre esta e sobre aquele alcançara também vitória pelos merecimentos de Cristo quem for regenerado sobrenaturalmente pelo batismo. Mas por lei natural Deus não quer conceder aos justos o completo efeito dessa vitória sobre a morte, senão quando chegar o fim dos tempos. Por isso, os corpos dos justos se dissolvem depois da morte, e somente no último dia tornarão a unir-se, cada um com a sua própria alma gloriosa. Mas desta lei geral Deus quis excetuar a Bem-Aventurada Virgem Maria. Ela, por um privilegio todo singular, venceu o pecado; por sua Imaculada Conceição, não estando por isso sujeita à lei natural de ficar na corrupção do sepulcro, não foi preciso que esperasse até o fim do mundo para obter a ressurreição do corpo (MD 4,5).

A Assunção da Virgem Maria é uma participação singular da ressurreição dos outros cristãos. “Finalmente, a Imaculada Virgem, preservada imune de toda mancha da culpa original, terminando o curso da vida terrestre, foi assunta em corpo e alma à glória celeste” (CIC 966). Assim, os fiéis católicos podem confessar que “Cremos que a Santíssima Mãe de Deus, nova Eva, Mãe da Igreja, continue no céu sua função materna em relação aos membros de Cristo” (CIC 975).

O significado do dogma da Assunção comporta a afirmação da espiritualidade e da imortalidade da alma, bem como a afirmação da redenção total do ser humano. Maria é a seguidora imediata de Jesus na Glória, a primeira depois d’Ele no Céu, e reforça e confirma a fé na páscoa humana, ou seja, como a Maternidade de Maria garante a Encarnação de Jesus na história, a Assunção garante a redenção do corpo humano.

Pois nós, que estamos nesta tenda, gememos acobardados, porque não queremos ser despojados da nossa veste, mas revestir a outra por cima desta, a fim de que o que é mortal seja absorvido pela vida (2Cor 5,4).

Assim, a Assunção ressalta o sentido que já estava presente na ressurreição de Cristo, ou seja, a continuidade dessa vida além da morte. E é isso que representa Maria, elevada à glória celeste, é para os fiéis fonte riquíssima de consolo e esperança.

A título de conclusão dessa reflexão sobre os dogmas marianos e o que eles expressam na doutrina católica, vê-se que cada um deles expressam o mistério da salvação de Deus Pai revelada em Cristo pelo Espírito santo, Assim temos:

A Maternidade Divina fala do mistério da Encarnação do Filho de Deus e Filho do Homem. A Virgindade fala da potência de Deus, que cria uma nova humanidade por obra do Espírito Santo. A Imaculada Conceição fala da primazia da Graça e da supervitória de sua Redenção. A Assunção ao céu fala da ressurreição como glorificação total da humanidade e da criação pelo poder da Santíssima Trindade (BOFF, 543 e 544).

Contemplando esses mistérios na vida de Maria, tem-se a visão de Maria como a Mulher do Apocalipse, grávida do Salvador, repleta de graça e santidade, coroada e vencedora do pecado.

Essa breve reflexão sobre os dogmas marianos tem como objetivo destacar a estreita unidade entre eles, do ponto de vista teológico. O contexto no qual cada um foi proclamado apresentam-se muito diversos e sem isenção de conflitos. Porém, suas formulações apontam para o essencial, ou seja, Maria viveu plenamente a reciprocidade com Deus, confiando-se totalmente a Ele. Dessa forma pôde a Igreja declará-la Mãe de Deus, sempre Virgem Maria e Imaculada, Assunta aos céus.

5 CONCLUSÃO

A elaboração de uma narrativa como a aqui proposta, sobretudo quando se trata de uma primeira experiência de escrita, em um campo próprio aos especialistas em Teologia e História da Igreja, exige um expressivo esforço de leitura e reflexão, que pode também conduzir, mesmo quando se trata de leigos, no sentido literal e figurado, a resultados extraordinários. A tarefa de escolher um tema, definindo um recorte em meio às muitas possibilidades, elencando as fontes, as referências bibliográficas, baseadas em pressupostos teórico-metodológicos claros e, por fim, discorrer sobre as considerações feitas ao longo da pesquisa, com coerência e método, é um processo de amadurecimento e enriquecimento excepcionais. Ao adentrar nessa seara, em um curso de Teologia, a vastidão do campo pode ser assustadora, mas a concepção temática, aliada às aulas do curso e ao aprofundamento das fontes de pesquisa foram norteando os rumos e permitindo mapear o objeto de pesquisa proposto com mais embasamento, mesmo cientes de que as possibilidades de abordar esse tema são inúmeras.

Nesse sentido, num esforço conjunto, concentrado em perscrutar leituras e passagens bíblicas que respaldassem a concepção que propusemos no enfoque aqui considerado, sobre a figura de Maria anunciada, revelada e venerada, buscou-se na Bíblia, na Tradição e no Magistério, fórmulas que embasassem a reflexão aqui proposta sobre o mistério de Maria na experiência milenar do cristianismo e na vivência da Igreja. Com esse propósito, o presente trabalho concentrou a atenção nas passagens bíblicas que a ela se referem de forma direta ou indireta. No entanto, como a própria leitura bíblica evidencia, Maria não tem proeminência, pois ela faz parte da vida de seu Filho Jesus, mesmo sendo a célula *mater* que possibilitou o projeto de Deus para os homens, com a encarnação do Seu filho por meio do consentimento dela.

Entretanto, desde as aulas, sobretudo a partir da imersão nos textos propostos no curso que acabamos de completar, uma questão se sobressaiu, em meio a muitas outras, e suscitou nosso interesse de investigação: a constatação de que desde o Antigo Testamento, no qual há recorrentes

referências sobre a almejada vinda do Messias, mesmo subsumida, se encontra a prefiguração de Maria, a escolhida de Deus, aquela que possibilitaria a encarnação do Verbo de Deus. Nesse sentido, esse foi o problema que embasou a presente reflexão e que suscitou a pesquisa ora apresentada. Mesmo cientes das dificuldades que um tema como esse enseja, sobretudo a quem não tem formação específica, nos propusemos a trilhar esse caminho, mapeando na própria bíblia e em documentos da Igreja o que tem sido considerado e cada vez mais abalizado como prefigurações de Maria no Antigo Testamento.

Para a consecução dos propósitos de análise, nesse trabalho partiu-se do pressuposto de que desde o início da história do Povo de Deus se encontra a mulher originária – Eva – a mãe de todos os viventes. Apesar de não ser sobejamente enfatizada no processo catequético, essa não é uma perspectiva inédita. Os Padres da Igreja fazem uma analogia explícita entre Eva e Maria – a Mãe de Deus e da Igreja. No que se reporta às referências bíblicas, acrescenta-se também figuras e símbolos de grande esperança e agregação do povo de Deus ao longo de uma trajetória imemorial, à espera do Messias prometido que, finalmente, redimiria o povo de Deus errático e disperso, destacando a Arca da Aliança, entre outros.

Nessa longa caminhada do povo de Deus à espera do plano salvífico de Deus, narrada no Antigo Testamento e sempre reiterada, sobretudo pelos profetas, que objetivavam congregar o povo escolhido, o Messias sempre foi anunciado, mas não há referências explícitas à figura da mãe. Contudo, o presente trabalho fundamentou-se, desde a sua concepção, na perspectiva de que o Novo Testamento e a Liturgia Cristã vincularam Maria com as paradigmáticas mulheres do Antigo Testamento que, possuindo virtudes especiais, representariam a grandeza de Maria, uma mulher histórica e também sagrada. Desse modo, mesmo ausente a referência direta nos textos ancestrais, a ideia de um Messias pressuporia uma mãe que reunisse em si as virtudes que fariam dela a escolhida de Deus para tão transcendental missão. Essa concepção impulsionou a reflexão exposta nesse trabalho em três capítulos.

Em razão disso, propôs-se nesse exame enfatizar como o cristianismo se dedicou, desde os tempos iniciais, a partir da ascensão de Jesus aos céus, após a sua ressurreição e da presença ativa de Maria junto aos

discípulos, já no cenáculo, a reposiciona-la no projeto de salvação. A perspectiva da Igreja não é mais a de percebê-la como coadjuvante do seu filho, sempre presente na vida terrena de Jesus, zelosa e quase sempre silente, mas como alguém que teve uma atuação significativa desde o princípio. Nesse passo, a Mariologia católica está estreitamente vinculada à Maternidade Divina de Maria e à encarnação do “Verbo de Deus” e não atua fora desse contexto.

Desse modo, essa Maternidade não é entendida como submissão, mas como colaboração de Maria na ação salvífica de Deus, na fé que se traduz em gesto concreto e possibilita o milagre da encarnação divina. Para tanto, como reiterado ao longo do texto, para além do Mistério da anunciação e da ação do Espírito Santo de Deus a iluminar e inspirar a jovem de Nazaré, certamente foi importante a preparação anterior de Maria que, seguindo os preceitos familiares da fé e da observância da oração, transmitidos por gerações, esperava pela chegada do Messias. Sua parte no Mistério da encarnação, a partir do seu sim abnegado, ocupa espaço emblemático, sobretudo no Evangelho de Lucas, que detalha esse evento primordial.

No que concerne à maternidade física e espiritual de Maria, compreendeu-se nesse trabalho ser a partir daí que se dá sentido aos três outros dogmas marianos estabelecidos pelo magistério da Igreja. Historicamente, ele é o primeiro em relação aos outros três, relatados no âmbito da presente reflexão e que se expressam na Virgindade Perpétua de Maria, na sua Imaculada Conceição e na sua Assunção ao Céu.

O momento basilar no projeto da encarnação do Messias registra a única dúvida da jovem Maria, quando o anjo anuncia o milagre que seria gerado em seu ventre, quando ela, ao ouvir a mensagem, pondera que não conhecia varão. Diante da resposta do anjo da anunciação ela assente e toda a sua vida, conforme os relatos do Novo Testamento, é de serviço constante e obediência irrestrita aos desígnios de Deus. Mesmo no momento final da vida terrena do seu filho ela está presente com gestos de fé e aceitação fiéis e benevolentes.

Conforme destacado ao longo do trabalho, exposto em três capítulos, a importância dessa reflexão é reiterar, sobretudo, a prefiguração de Maria, que pode ser arrolada desde as narrativas do Antigo Testamento, ao longo de várias

passagens e por meio de muitas figuras femininas. Os escritos bíblicos, particularmente aqueles que compõem o Antigo Testamento, foram efetivados em uma cultura patriarcal, como também foi aqui enfatizado, e algumas passagens destacam figuras de mulheres, o que merece ênfase pelo fato de elas serem efetivamente excepcionais, seja no aspecto positivo ou mesmo negativo. Sob essa perspectiva, considerou-se nesse trabalho a prefiguração de Maria em mulheres emblemáticas, nesse percurso de salvação, conforme ressaltado no exame que aqui se procedeu.

Conclui-se, nesse trabalho, que a figura de Maria nasce na história do Povo de Deus, como prenúncio da Salvação, se concretizando na “plenitude do tempo” e culminando no âmbito devocional dogmático instituído pelo Magistério da Igreja Católica, a partir da tradição vivida em seu seio, desde os primórdios. É esse âmbito devocional que sustenta um dos grandes pilares da fé Católica e que se espera reforçar com esse texto, fruto de um esforço conjunto, a partir de um curso, cujo propósito é também suscitar reflexões e mesmo apontar novas possibilidades de contemplar o projeto de Deus para a humanidade. Nesse sentido, muitos caminhos podem ser apontados e muitas possibilidades de abordagem sobre esse tema podem ser consideradas, em uma riqueza de reflexões que se mantém vigorosa há mais de dois mil anos, desde que a encarnação de Jesus marcou também a história terrena em antes e depois Dele, a partir do sim de Maria. A escolha desse tema como objeto de trabalho respalda-se na consideração de que a figura e a presença de Maria estão ainda a merecer reflexões abalizadas no seio da Igreja, no sentido de reforçar sua centralidade no mistério da salvação.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Paulus, São Paulo, 2002

BOFF, Clodovis. **Mariologia social: O significado da Virgem para a Sociedade,** São Paulo: Paulus, 2006

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Ed. Loyola, São Paulo, 2000

CATEQUESE RENOVADA, orientações e conteúdo, CNBB – 26. Disponível em: <http://www.arquidiocesebraga.pt/catequese/sim/biblioteca/publicacoes_online/385/catequese_renovada.pdf>. de 29 de setembro de 2012. Acesso em 29/07/2018

Constituição Apostólica Munificentíssimo Deus sobre a definição do dogma da assunção de Nossa Senhora em corpo e alma ao céu. Disponível em: w2.vatican.va/content/pius.../hf_p-xii_apc_19501101_munificentissimus-deus.html. Acesso em: 20/09/2018

ELEIZALDE, J. L. Batero de Maria, **Madre Del Redentor.** Ediciones Universidad de Navarra, S.A. 1995.

FRANCO, Gustavo Cambraia. **O ‘Espelho dos Santos’:** analogias da Virgem Maria nos sermões de São Vicente Ferrer (1350-1419). Disponível em: Scripta, Revista Internacional de Literatura Medieval i Moderna, no. 10, dezembro de 2017, pp 26-48

HELLEM: **A Virgem Maria na Bíblia Novo e Velho Testamentos.** Disponível em: <<https://igrejamilitante.com/2013/11/12/a-virgem-maria-na-biblia-novo-e-velho-testamentos/>>. Acesso em 20/07/2018

Lumen Gentium “De Ecclesia” – **Constituição Dogmática do Concílio Ecumênico Vaticano II sobre a Igreja.** Ed. Paulina, São Paulo, 1995

Maria Santíssima, a Arca da Nova Aliança. Disponível em: <<http://aigrejaromana.blogspot.com/2012/09/maria-santissima-arca-da-nova-alianca.html>>. Acesso em 29/07/2018

O Dogma da Virgindade Perpétua de Maria – 6 de junho de 2017. Disponível em: <<http://paroquiadesaopedro.org/o-dogma-da-virgindade-perpetua-de-maria/>>. Tópico 5. Acesso em 20/09/2018.

OROZCO, Antônio: **Mãe de Deus e nossa Mãe.** Edição Diel Ltda, 1996.

SANTO AGOSTINHO: **Virgindade Consagrada.** Edições Paulinas, 1999.

VIEIRA, Marcos Aurélio. **As prefigurações de Nossa Senhora,** disponível em: <<http://catolicismo.com.br/materia/materia.cfm?IDmat=F72A9613-3048-560B-1C5AABC79B41164E&mes=Maio2006&pag=2>>. Acesso em 20/07/2018.

